
Comunicação ambiental: perspectiva ecosófica e abordagem metodológica¹

Jane Mazzarino²

RESUMO

Como a comunicação ambiental pode ir além das mídias? Quais as contribuições das imersões na natureza, com arte e conversas? Apresentamos uma perspectiva epistemológica e metodológica para a comunicação ambiental, que seja contemporânea aos desafios emergentes da humanidade. Adotamos a abordagem ecosófica, uma possibilidade transdisciplinar que retoma a dimensão micro como fundamental para a reinvenção coletiva e reconexão planetária. As três dimensões da comunicação se entrelaçam: intrapessoal/mental/pessoal/subjetiva, interpessoal/social/comunitária e ambiental/não humana. O estudo é bibliográfico.

PALAVRAS-CHAVE

Comunicação ambiental; ecosofia; metodologia transdisciplinar.

Introdução à comunicação ecosófica

O artigo apresenta uma perspectiva epistemológica e metodológica para a comunicação, focada na comunicação ambiental, que seja contemporânea aos desafios emergentes que vivemos como humanidade, adotando a abordagem ecosófica. Tempos sombrios requerem uma perspectiva comunicacional que dê conta da complexidade dos desafios da crise civilizatória vivenciada. A comunicação ambiental focada nos processos midiáticos, mesmo quando atentam aos sentidos na recepção, não dão conta do cenário que se desenha gradativamente nas últimas décadas. A ecosofia é uma possibilidade transdisciplinar para a área da Comunicação retomar a dimensão micro como fundamental para a reinvenção coletiva e reconexão planetária no Antropoceno.

A ecosofia articula três dimensões: mental/pessoal/subjetiva, social/comunitária e ambiental/não humana. Elas entrelaçam-se como um modo de habitar: a si, a

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Coordenadora do Grupo de Pesquisa Ecosofias, Paisagens Inventivas - Univates/CNPq. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento (PPGAD). Docente dos cursos de Medicina e da área da Comunicação da Universidade do Vale do Taquari - Univates. Lattes <http://lattes.cnpq.br/4570485590802043> . Orcid [0000-0002-6051-5111](https://orcid.org/0000-0002-6051-5111)

alteridade e o mundo. Neste sentido, são espaços de comunicação intrapessoal, interpessoal e com outros não humanos.

A ecosofia é um conceito que surge calmamente no campo científico, entendido como uma filosofia do ambiente, ancorada na base da Ecologia Profunda, da qual Arne Naess é um dos criadores (2018, 2010). Profunda porque entrelaça a dimensão pessoal, social e o ambiente externo compartilhado. Não foca apenas o ambiente externo, que é caro aos movimentos ecologistas do Norte, se aproximando mais que aos movimentos socioambientalistas do Sul que, segundo Leff (2006), são assim denominados porque articulam as pautas ambientais às questões sociais. Mas a ecosofia vai além, porque coloca a dimensão mental na tríade ecosófica, algo necessário quando se vive uma pandemia de saúde mental.

Certamente subjetividade, comunidade e mundo são interfaces indissociáveis. Por isso a perspectiva ecosófica é tão potente: por ser simples e reportar a um já sabido, já descrito pela psicologia social, pela ecopsicologia e pela comunicação, mas pouco articulado a um desenvolvimento promissor para o campo da comunicação ambiental.

Guattari (1990, 2015) é o autor que assume essa tríade subjetividade/dimensão mental, social/comunitária e ambiente de vida físico de forma radical, compreendendo-a em espelhamentos transversais. Ele nos inspira a pensar que se investirmos em processos mentais, em microrrevoluções ou nas ecologias menores, como denomina Godoy (2007), podemos ir ao cerne da crise ambiental. Entendemos que a menor das ecologias é começar pelo investimento na psique como espaço comunicacional que solicita urgentemente a livre expressão em tempos cada vez mais regulados.

Para co-habitar estes tempos translúcidos é preciso uma comunicação ecosófica, que transmute opostos em um movimento criativo. Maffesoli (2003), outro ator que aprofunda-se na ecosofia, escreve que comunicação é encontro, que só acontece quando se participa de um destino comum. E a comunicação refere-se à abertura ao outro com suas formas de vibração, requer vibrar com o outro, diz, mesmo que esse outro se restrinja na sua escrita, geralmente, ao humano. Creio que já temos conhecimento suficiente para incluir o não humano e pensarmos em comunicação entre seres vivos. E aí vamos além, o que não vive?

Sfez expõe a necessidade de reformulações das teorias de comunicação desde o funcionalismo à realidade contemporânea. Para ele, já não é possível seguir formulando as clássicas questões de Laswell quando o quem “é múltiplo e impessoal” e o que equivaleria a quem (Sfez, 1994). As coisas naturais são assumidas como “quem” na relação de comunicação ambiental que propomos, aproximando-nos do pensamento de

Tim Ingold (2015, 61 e 62) quando reflete sobre os materiais como “componentes ativos de um mundo-em-formação” que é flui em incessante ”intercâmbio respiratório”. Tudo respira, diz, “se deteriorando, se misturando e se transformando”. Para Ingold, “as coisas estão vivas e ativas [...] varridas em circulações [...] como colmeias de atividade, pulsando com os fluxos de materiais que os mantêm vivos.” Ele cita o caso da “pedregosidade” da pedra, sujeita a variações em sua materialidade conforme a luz, a umidade, a sombra, o movimento, a secura. “As pedras também têm histórias, forjadas nas contínuas relações com o entorno que podem ou não incluir seres humanos e muitas outras coisas” (Ingold, 2015, 67). Não há, para o autor, outra maneira de entendê-las fora dos intercâmbios, tecelagens, entrelaçamentos e, portanto, de suas relações de comunicação ambiental.

Trata-se de uma ampliação de vínculos possíveis para se pensar a interação comunicacional. É preciso pensar a comunicação para além do midiático, enquanto ato de sentir e conferir sentidos na relação que cada um estabelece consigo, com o outro e com o mundo. A mídia é tanto o corpo da pedra como o meu, e também meu olho quando amplio o olhar usando a lente macro do dispositivo fotográfico, na tentativa de penetrar um outro corpo, natural, que me atrai, caso da abelha em acoplamento à flor, sorvendo seu mel em uma manhã na minha horta-jardim, onde vivo minhas experiências ecosófica, que são também ecopsicológicas e visceralmente comunicacionais.

A resposta à crise ecológica, para Guattari (1990, 2015), requer essas entregas, que agenciam a criação de novos territórios existenciais por meio de uma articulação ético-política do que ele denomina os três registros ecológicos: mental ou subjetivo, social ou comunitário e ambiental. Desses ecossistemas em interação, evidentemente comunicacionais, depende a recomposição das práxis humanas e a ressingularização de indivíduos e coletivos, diz.

A proposta ecosófica de Guattari, baseada nas três ecologias, parte das evidências do contexto da progressiva deterioração da natureza, das relações sociais e da psique. É preciso re-criar a subjetividade e agenciar uma subjetividade coletiva apesar das práticas de poder historicizadas. Não se pode intervir sobre a dimensão ambiental se não se trabalhar para mudar as mentalidades e reconstruir as malhas sociais, escreve. Isso é fundamental. Para ele, linhas transversais atravessam estas três dimensões. A ecosofia de Guattari (1990, 2015) remete à abertura, à visão complexa, multipolar, multidimensional.

As mudanças climáticas têm piorado aspectos da saúde mental e requerem a construção de comunidade, aspecto perdido da sociedade, cada vez mais emaranhada

em ferramentas dispersivas da atenção, que possibilitam transtornos generalizados, que ultrapassam o âmbito pessoal e já constituem uma síndrome globalizada.

É o que temos observado no Vale do Taquari, região do Rio Grande do Sul mais afetada com as enchentes de 2024. Milhares de pessoas perderam suas casas e pertences, com eles registros das memórias afetivas, as quais são as mais sentidas. Em uma situação de catástrofe ambiental o trabalho solidário voluntário tem reconstituído a malha esgarçada do sentido de comunidade. E, enfim, chegou o momento em que as mudanças climáticas passam a ser tema em circulação na boca até de descrentes dos anúncios recorrentes dos ecologistas e cientistas.

Os danos à saúde mental em uma situação como a que assolou esta região se espalham por todos os mais de 400 municípios do território do Rio Grande do Sul. Quase todos vivem o horror das enchentes. No Vale do Taquari a situação é mais dramática porque, além dos 800 milímetros de água que caíram em uma semana, situação sem precedentes, recebeu o mesmo tanto da região da Serra, que escorreu para o Vale e depois foi em direção a Porto Alegre, seguindo para a área das lagoas litorâneas.

Vivemos lutos cruzados: perda de pessoas, animais, plantações, solo erodido, rios assoreados, paisagens transformadas, casas transformadas em um amontoado de tijolos e algumas janelas misturadas em montanhas de lodo que deixam identificar, ora ou outra, portas, móveis, utensílios domésticos e tudo aquilo que dói mais: fotografias, objetos afetivos, e, o pior, os amores.

Já era assustador deparar-se como os dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) de 2019, que apontavam que quase um bilhão de pessoas apresentavam algum transtorno mental, considerado a principal causa de incapacidade e uma das causas de morte prematura, já que pessoas com condições graves de saúde mental morrem em média 10 a 20 anos mais cedo do que a população em geral. Além disso, o suicídio foi responsável por mais de uma em cada 100 mortes, sendo que 58% dos suicídios ocorreram antes dos 50 anos de idade. Outro dado aponta que os transtornos mentais afetam 14% dos adolescentes do mundo. (BVSMS, 2023, on line; WHO, 2023). A pandemia só piorou essa situação.

Este cenário nos convida, como investigadores engajados, a pensar como a comunicação ecosófica pode compor com outras possibilidades de ser em um cenário de crise ambiental sem precedentes. Em uma perspectiva ecosófica de comunicação ambiental, como conectar sentir-pensar-fazer em pesquisa-intervenção? Tendo colocado esse como desafio pessoal e profissional, há uma década tenho construído

intuitivamente uma abordagem metodológica sintetizada como Ecosofia NAT: Natureza, Arte, Tecnologias (sociais e de mídia).

Para Naess (2010), o contato com a natureza possibilita observar e sentir a unidade. “A vida urbana não matou a fascinação humana frente à natureza livre [...] o modo de vida na natureza livre é sumariamente eficiente para estimular os sentidos de unidade, totalidade e identificação profunda” (NAESS, 2018, p. 261). Para o autor,

Não podemos compreender o desenvolvimento de uma pessoa a não ser tendo em conta muitas partes do corpo e muitas partes da mente, e apenas quando consideramos a pessoa como uma parte ou fragmento da natureza (NAESS, 2010, p. 267).

A perspectiva de Naess evidencia que comunicação e a saúde mental têm entrelaçamentos inquestionáveis. O ser é social, sem comunicação não sobrevive, e ela é tridimensional. Como cada um se comunica consigo, com outros humanos e com o mundo, e os modos dessas interações, determina sua saúde mental. O indivíduo mantém-se em interação dinâmica, em um processo de co-produção com o ambiente, como afirma Bougnoux (1994).

O meio age por excitações que fazem sentido ao organismo, que tem certa margem de interpretação, de tempo, de resposta ou de liberdade. O sentido é biológico, sensível e reconhecido pelo corpo, segundo Bougnoux. “A necessária tomada de consciência do meio ambiente revela a complexidade de nossas vidas (jamais solitárias, sempre emaranhadas) e complica-nos o pensamento” (BOUGNOUX, 1994, 32). Nesta perspectiva, coisas fixas são substituídas por fluxos, sistemas e interações, dialéticas e círculos recursivos. Comunicação.

Montanhista, filósofo e ecologista, Arne Naess denominava o contato com a natureza como uma necessária terapia natural, tendo escrito que “as instituições mundiais de saúde necessitam talvez de uma ideologia influenciada em maior medida pela saúde que se evidencia na natureza” (NAESS, 2018, p. 282).

Assim como o contato com a natureza, a arte é um convite à experiência de comunicação. A comunicação ecosófica aprofunda a expressão do imaginário, facilitada pelas artes, e que incide sobre a saúde mental, como Nise da Silveira relatou vastamente (2015). A relação entre os campos da comunicação, da arte e da saúde mental é intrínseca. Esta abordagem é cada vez mais necessária quando entendemos a crise ambiental como uma crise das três ecologias. É preciso lembrar que a experiência expressiva por meio das artes é um recurso comunicacional primitivo. Sato e Passos

(2009) incorporam a arte com dimensão de comunicação ambiental e reclamam outro espaço no ambientalismo.

[...] a arte nunca foi percebida como temática imprescindível no debate político do ambientalismo, ficando renegada às dinâmicas iniciais ou finais de eventos e encontros; ou puramente limitada aos museus, com exposições caras para que somente a elite consiga compreendê-la. Ora, a arte, e toda ela, diz respeito ao mais fecundo *do ser humano. Expressão de transcendência, de superação do espaço e tempo. Enfeixa os tempos e espaços em linguagem que une o singular ao universal, e nos arrebat* (SATO e PASSOS, 2009, p. 45).

As experiências de pesquisa de Sato e Passos envolvem música, teatro, fotografias, literatura, cinema, etc.. Em relação à imagética situam que é uma forma de manifestação que atravessa a vida humana desde os tempos primitivos até a era digital. Por meio da arte é possível acessar a dimensão mais íntima de comunicação, muitas vezes desconhecida pelo próprio sujeito, inconsciente, do que emerge sua dimensão terapêutica.

Estudos do nosso de pesquisa Ecosofias, Paisagens Inventivas (CNPq/Univates) têm identificado que a arteterapia se aprofunda nesses processos e têm evidenciado suas contribuições para regenerar a saúde mental, promover o autodesenvolvimento, como auxiliar em cuidados paliativos, e em situação de traumas, incluindo o caso de refugiados. Lembremos que as catástrofes ambientais têm elevado o número de refugiados ambientais, com perspectiva de crescimento com os tempos que nos chegam.

As tecnologias também tem sua dimensão inventiva. Assim como fala-se na arte das conversas, as mídias são exploradas para criar. Sobre as mídias e as tecnologias digitais, Fischer (2011, 79) propõe pensá-las como formas de estar com o outro, inventar, “sair de si mesmo, esculpir-se, fazer-se também a si mesmo como uma obra de arte”. Para a autora, talvez o encanto dos objetos técnicos midiáticos esteja na possibilidade de realizar experimentações narrativas para dar vazão à “potência que pulsa em nós mesmos, que só espera o momento de se fazer palavra, imagem, música, movimento (Fischer, 2011, 85).

As práticas educacionais influenciam a abordagem tecnológica da Ecosofia NAT quando provocadoras de processos criativos, colaborativos e vivenciais em ambientes naturais. Por outro lado, a ecosofia inspirou a criação de uma proposta de revisão dos objetivos, princípios e áreas de intervenção da Educomunicação

Socioambiental (MAZZARINO e MARQUES, 2023). Intermediaticidade, Inventividade e Ecossistemas ecosóficos são princípios junto com a Cooperação Vívida e a Multiplicidade de Saberes. Na revisão de áreas feita pelos autores a Arte Comunicação está ao lado da Reflexão epistemológica, da Apropriação e Formação Habilitantes, da Crítica das Mídias, da Educação em Processos de Comunicação e da Comunicação em Processos Educativos.

A Ecosofia NAT explora a potência que o contato com a natureza, a expressão livre por meio das artes, assim como as tecnologias sociais (como uma roda de conversa ou outras formas de estar em círculo) e as tecnologias de mídia, como formas de criação de territórios existenciais. Por meio das tecnologias de informação, de comunicação e sociais podemos aprofundar a experiência comunicacional ecosófica. A síntese da proposta encontra-se no livro Ecosofia NAT: design para comunicação ambiental (Mazzarino, 2021).

O que propomos é uma forma da comunicação ambiental ir além das mídias, valendo-se da alegria e da paz das imersões na natureza com arte e conversas. Com este design incomum para a comunicação ambiental, por meio da ecosofia, começamos a contribuir epistemologicamente e metodologicamente para a área emergente denominada por nós como comunicação ecosófica, evidenciando a relevância do aprofundamento de estudos nesta direção. Vale a pena se debruçar sobre esta provocação para sairmos dos gabinetes de pesquisa e fazermos investigação em comunicação ambiental em ambientes vivos!

REFERÊNCIAS

BOUGNOUX, Daniel. **Introdução às ciências da informação e da comunicação**. Petrópolis. RJ. Vozes. 1994.

BVSMS - BIBLIOTECA VIRTUAL EM SAÚDE. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **OMS divulga Informe Mundial de Saúde Mental: transformar a saúde mental para todos**. Acesso em: 17 jul. 2023. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/oms-divulga-informe-mundial-de-saude-mental-transformar-a-saude-mental-para-todos/>

FISCHER, R. M. B. Mídias audiovisuais e literatura: “amor à narrativa”. **Leitura: Teoria & Prática**, v. 29, n. 57, p. 78-86. 2011.

GODOY, A. Conservar docilidades ou experimentar intensidades. In: PREVE, A. M.; CORRÊA, G. (orgs.) **Ambientes da ecologia: perspectivas em política e educação**. Santa Maria: Editora UFSM, 2007.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas, SP: Papyrus, 1990. P. 7 – 55.

GUATTARI, Félix. **Qué es la ecosofia?** Textos presentados y agenciados por Stéphane Nadaud. 1ªed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cactus, 2015.

INGOLD, Tim. **Estar vivo:** ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

LEFF, Enrique. **Epistemologia ambiental.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MAFFESOLI, Michel. **Ecosofia:** uma ecologia para nosso tempo. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2021. 168 p.

MAFFESOLI, Michel. **Saturação.** São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2010.

MAFFESOLI, Michel. A comunicação sem fim (teoria pós-moderna da comunicação). **Revista Famecos.** Porto Alegre, nº 20, abril 2003. Acesso em: 18 jul. 2023. Disponível em <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3198>

MAZZARINO, Jane M. **Ecosofia NAT:** design para comunicação ambiental. Iguatu, CE : Quipá Editora, 2021. Acesso em: 13 jul. 2024. Disponível em <https://drive.google.com/file/d/1zXIGsvxF6k59SQmj-SZOhSkjquSTxfkX/view>

MAZZARINO, J. M.; MARQUES, R. M. Educomunicação: proposta de revisão de objetivos, princípios e áreas de intervenção. **Educação: Teoria e Prática**, [S. l.], v. 34, n. 67, p. e23[2024], 2023. Acesso em: 13 dez. 2023. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/17695>.

NAESS, Arne. **Ecología, comunidade y estilo de vida.** Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Prometeo Libros, 2018. 320 p.

NAESS, Arne. **Ecology of wisdom:** writings by Arne Naess / edited by Arne Alan Dregson and Bill Devall. Counterpoint: Berkeley, CA. 2010.

SATO, M.; PASSOS, L. A. Arte-educação-ambiental. **Ambiente & Educação**, Rio Grande, v. 14, n. 1, p. 43-59, 2009.

SILVEIRA, Nise da. **Imagens do inconsciente.** Petrópolis: RJ: Vozes, 2015.

SFEZ, Lucien. **Crítica da comunicação.** São Paulo: Loyola, 1994.

WHO - WORLD HEALTH ORGANIZATION. **A pandemia de COVID-19 aumenta a prevalência de ansiedade e depressão em todo o mundo em 25%.** Um alerta para todos os países para melhorar os serviços e apoio no campo da saúde mental. Acesso em: 15 jul. 2023. Disponível em: <https://www.who.int/es/news/item/02-03-2022-covid-19-pandemic-triggers-25-increase-in-prevalence-of-anxiety-and-depression-worldwide>